

**APRENDENDO A VIVER EM NOVAS TERRAS: RELAÇÕES ENTRE O
GRUPO TEUTO-RUSSO, OS LUSO-BRASILEIROS E OS TEUTO-
BRASILEIROS EM SÃO CARLOS-SC.**

André Luiz Onghero¹

Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina/Unochapecó²

andreonghero@yahoo.com.br

Apresentação:

Este trabalho apresenta alguns dos resultados do trabalho de pesquisa realizado em 2008, vinculado ao projeto Brasil Memória em Rede³, do Ministério da Cultura. Com o objetivo de pesquisar e registrar práticas culturais de diferentes etnias, a equipe do Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM/Unochapecó) desenvolveu uma pesquisa com imigrantes teuto-russos, utilizando a metodologia da História Oral. Procurando conhecer memórias de homens e mulheres nascidos na Rússia⁴, ou de seus filhos, foram realizadas 6 entrevistas registradas em áudio e vídeo. Também foram digitalizadas fotografias que retratavam as trajetórias familiares e da comunidade formada pelo grupo na localidade de Aguinhas, São Carlos-SC.

O material resultante da pesquisa foi incorporado ao acervo do Centro de Documentação do CEOM e a partir dele, elaborados projetos para continuidade da pesquisa⁵ e artigos como “Das estepes siberianas às matas do Oeste catarinense”,

-
- 1 Graduado em História (Unoesc/Chapecó), Especialista em História (Unochapecó), Mestre em Educação (Faculdade de Educação/Unicamp); atua como Técnico em Pesquisa (CEOM/Unochapecó).
 - 2 O Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina (CEOM) é um programa de extensão da Universidade Comunitária da Região de Chapecó. Atuando há mais de 20 anos, o CEOM desenvolve atividades de pesquisa histórica e arqueológica, preservação de acervos documentais, divulgação científica, educação patrimonial e assessoria a museus e similares.
 - 3 O CEOM participou do projeto Brasil Memória em Rede, filiado ao Pólo Regional do Rio Grande do Sul, afiliado ao Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória da Universidade Federal de Santa Maria – UFSM.
 - 4 Foram entrevistados o Sr Martin Zeiser Filho, Sra Ida Kasper, Sra Fraziska Malsan, Sr Matias Blanck, Sra Rosa Schlee, nascidos na Rússia e Sr Valentim Mumber, Sra Helena Malsan, filhos de teuto-russos, nascidos no Brasil.
 - 5 Os projetos previam a realização de pesquisa abrangendo toda a região onde houve colonização teuto-russa em Santa Catarina, pois até o momento, o CEOM realizou estudos apenas com as famílias católicas, que haviam colonizado a localidade de Aguinhas, área rural de São Carlos-SC.

publicado na revista *Memória e Etnicidade*, do Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória – UFSM.

O texto apresentado a seguir tem como foco as relações entre o grupo de imigrantes teuto-russos com os moradores de São Carlos-SC, principalmente luso-brasileiros e teuto-brasileiros, no processo de instalação do grupo em áreas agrícolas, durante a década de 1930.

A trajetória dos teuto-russos e a vinda ao Brasil

Para compreender a presença dos teuto-russos no Brasil é importante uma breve explanação de sua trajetória. O termo teuto-russo, é empregado para definir o descendente de alemães que, por viver ou ter nascido em território russo, possui nacionalidade russa. Este é o caso, por exemplo, da Sra Ida Kasper, uma das entrevistadas que utiliza como documento a Cédula de Identidade de Estrangeiro, com nacionalidade Russa, registrando sua entrada no Brasil em 04/10/1930.

A trajetória das famílias de imigrantes teuto-russos mantém-se presente nas memórias dos entrevistados, onde as lembranças da infância somam-se aos relatos ouvidos dos pais, tios, vizinhos e amigos. Segundo eles, o governo imperial da Rússia promoveu a colonização de alguns territórios por famílias alemãs, que formavam aldeias dedicadas à agricultura. Tal processo de colonização teve continuidade dando origem a aldeias alemãs nas estepes siberianas. Lá, as condições climáticas definiam a rotina das famílias: “dava até 40 graus abaixo de zero as vezes, o inverno lá era sete meses, ali não tinha nada que sai assim, e cinco meses então pra plantar e colher tudo⁶” (Mathias Blanck).

Durante o verão, cultivavam principalmente o trigo, mas também batatas e legumes, entre os quais, o repolho. Estes alimentos eram estocados e tinham que abastecer as famílias durante o longo inverno, quando as temperaturas eram baixíssimas e a neve cobria a paisagem. Nestes meses, as famílias ficavam abrigadas nas casas, aquecidas pelo fogo.

6 Os trechos de entrevistas transcritas sofreram modificações procurando aproximar as falas dos entrevistados das normas gramaticais, sem alterar o seu sentido.

As aldeias eram formadas com casas próximas umas das outras e suas respectivas hortas e currais, onde os animais (bovinos, equinos, ovinos e aves), eram protegidos durante o inverno. Nas áreas de cultivo, localizadas a certa distância, trabalhavam utilizando máquinas de tração animal.

A partir da revolução russa, as aldeias alemãs da Sibéria começaram a sofrer modificações em seu modo de vida. Em alguns momentos, as autoridades estabelecidas solicitavam suas reservas de grãos, animais, ou até mesmo exigiam que membros da família se alistassem no serviço militar, ou realizassem serviços para o Estado. Tal situação desagradava muitos aldeões⁷, mas foi durante o governo de Joseph Stálin (1922-1953), que ocorreu a saída de grande número de famílias alemãs que viviam no território soviético. As famílias dos entrevistados deixaram a URSS por diversos motivos, entre os quais: o medo de prisão e execução por parte dos militares soviéticos; as péssimas condições de sobrevivência, prejudicadas pela desarticulação do modo de vida nas aldeias; a recusa em inserir os filhos no sistema de ensino soviético, o qual promoveria sua educação de acordo com a ideologia comunista soviética, gerando um conflito cultural e ideológico com aquelas famílias alemãs.

Fugindo das aldeias, abandonando as propriedades, as famílias procuraram sair do país. Algumas partiram para Moscou, de onde conseguiram partir para a Alemanha, como relata a Sra Ida Kasper:

Quando saímos da nossa casa eles deixaram tudo aberto. O gado solto, tudo, as janelas, as portas todas abertas. (...) Pra ninguém desconfiar, pra pensarem que tinha gente em casa. E assim saímos. Até a primeira cidade, daí fomos de trem até Moscou. (...) Dali eles foram até Alemanha (...). E lá quando eles passaram a divisa com a Rússia pra outro país, aí então, outros soldados na frente cumprimentaram eles em alemão. Falaram pra eles “pronto, agora vocês estão em casa! Agora vocês podem rir, podem cantar. Ninguém mais fará mal pra vocês!” Daí alegria, uns choraram, outros rezaram, outros cantaram (Ida Kasper).

Outras famílias empreenderam fuga em direção ao território chinês, estabelecendo-se lá durante certo tempo. Com a invasão japonesa na China, foram encaminhados para a Alemanha. Porém, apesar da esperança em obter refúgio, as famílias fugitivas da Sibéria foram encaminhadas em grupos para diferentes países⁸,

7 Observa-se, entre os teuto-russos entrevistados, a freqüência do nome Nicolau, nome do último czar russo e também Katharina, a czarina de origem prussiana que incentivou a colonização alemã em regiões da Rússia. Além disso, a santa padroeira da igreja católica de Aguihas é Santa Catarina de Alexandria, devoção trazida das aldeias siberianas. Estes indícios sugerem simpatia ao império russo.

8 Além do Brasil, houve colônias teuto-russas no Canadá e Estados Unidos.

entre os quais o Brasil, para onde vieram a bordo de vários navios. Como relembra o Sr Mathias Blanck: “parece que por 18 dias nós enxergamos só água e céu, mais nada”.

Algumas imagens fotográficas tornaram-se referência nas memórias dos imigrantes⁹, como a Figura 1, apresentada a seguir, que retrata um grupo teuto-russo antes de sua saída da Alemanha, provavelmente em 1930.



Figura 1: Grupo teuto-russo em frente ao prédio da embaixada na Alemanha. A foto retrata um dos grupos encaminhados ao Brasil. Doação de Rosa Schlee. Acervo CEOM.

Parte deste grupo recebeu terras na Bahia, com casas e lavouras prontas. Porém, além do contraste climático, uma epidemia de malária provocou várias mortes no grupo, como contou a Sr Rosa Schlee:

Lá tinha muita malária, nós não aguentamos. Mais ou menos dois meses que nós estávamos lá, já tinham falecido 18 pessoas da malária. Então meu pai logo começou a escrever cartas pra consulado alemão. (...) Chegamos de lá aonde tinha 40 graus de frio e chegar lá com 40 graus de calor, e ainda aquela malária... (Rosa Schlee)

Após a tentativa frustrada de constituir uma colônia teuto-russa na Bahia, a embaixada alemã encaminhou os imigrantes para Porto Alegre/RS, onde, através da atuação da Companhia Territorial Sul Brasil¹⁰, foram conduzidos para localidades como

9 Ao conceder a entrevista, a Sra Rosa Schlee trouxe consigo esta fotografia, onde identificava a si e aos familiares e conhecidos. O pai dela, Sr Johannes Schlee, que na Sibéria trabalhava em um banco e atuava como ministro católico, tornou-se líder do grupo durante o processo de imigração para o Brasil, vindo a exercer a função de ministro dos cultos realizados na em Aguinhas.

10 Mais informações a respeito da Companhia Colonizadora Sul Brasil podem ser encontradas na obra de WERLANG (1992 e 2006), WERLE (1994)

São Carlos, no então município de Chapecó/SC. Kerbes (2004) afirma que as terras da referida companhia haviam sido visitadas pelo Comissariado de emigração da Alemanha e, a partir de 1930, mais de 300 famílias teuto-russas foram instaladas no Oeste de Santa Catarina¹¹. Conforme Werlang (2006), os teuto-russos formaram vários núcleos coloniais, separados por religião. Cerca de 90 famílias católicas estabeleceram-se na margem direita do Rio Chapecó, em São Carlos. Das famílias luteranas, 180 ocuparam terras a leste do Rio das Antas, atual município de Riqueza e outras 63 famílias adquiriram terras próximas ao rio Iracema, atual município de Caibi.

Porém, os depoimentos indicam que as famílias não chegaram todas juntas a Aguinhas. Em 1930, enquanto algumas famílias foram encaminhadas para o Oeste de Santa Catarina via Porto Alegre, outras chegaram na região após permanecer alguns meses na Bahia, e um terceiro grupo de imigrantes chegou em torno de 1933-1934, composto por algumas famílias que haviam fugido da Sibéria em direção à China.

São Carlos e a colonização teuto-russa

A partir de sua chegada às terras do Oeste de Santa Catarina, os teuto-russos depararam-se com uma nova realidade, inserindo-se em um meio natural desconhecido, estabeleceram novos vínculos sociais e foram sujeitos no processo de colonização da região. A seguir, algumas informações acerca do local estudado, o município de São Carlos-SC.

Atualmente, São Carlos é um município com 159 km² e 10.938 habitantes (IBGE, 2009), cuja localização no espaço territorial catarinense e brasileiro pode ser observada na Figura 2:

11 Atualmente essa população encontra-se dispersa em vários pontos de Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Argentina, Paraguai e Uruguai.

As referidas terras apresentam diferentes etapas de ocupação humana: a das populações “indígenas”, que remonta há milênios; o povoamento luso-brasileiro, a partir do século XVIII, mas principalmente nos séculos XIX e XX; e a colonização por descendentes de europeus vindos, principalmente de colônias do Rio Grande do Sul, a partir da criação do município de Chapecó. A colonização, tinha o objetivo de inserir as terras, contestadas até 1916, no sistema econômico e político estadual e nacional, explorando os recursos naturais do local e estabelecendo povoados comercialmente produtivos¹³. A Figura 4, apresentada a seguir, demonstra a divisão das terras do Oeste de Santa Catarina pelas companhias colonizadoras, a área em destaque corresponde aos lotes concedidos à Companhia Colonizadora Sul Brasil.



Figura 4: Mapa da ocupação do médio e extremo Oeste de Santa Catarina. Áreas de atuação das companhias colonizadoras, com destaque para a área da Companhia Territorial Sul Brasil. Fonte: PIAZZA, 1994.

Incentivadas pelo governo estadual, as companhias colonizadoras venderam lotes de terras em condições de pagamento acessíveis para as famílias de agricultores. Em geral, a estratégia adotada era de constituir núcleos coloniais com famílias da

13 As populações indígenas e luso-brasileiras tinham produção voltada à subsistência. A partir da ação das companhias colonizadoras, a região foi intensamente explorada comercialmente, principalmente com a extração da madeira nativa.

mesma etnia e religião. Em São Carlos, a maior parte dos colonizadores era constituída por descendentes de alemães católicos vindos de colônias do Rio Grande do Sul, sendo raros, mas não inexistentes, os imigrantes vindos diretamente da Alemanha. Neste contexto, os grupos de imigrantes teuto-russos constituem uma exceção.

Nós viemos pela Cruz Vermelha. Porque ali em Passarinhos [atual município de Palmitos-SC] tinha a Companhia Sul Brasil, que comprou toda esta terra. Ali tinha que fazer loteamento e divisas com os colonos, e papéis [escrituras] e tudo, depois nós viemos (Mathias Blanck).

O depoimento do Sr Mathias Blanck faz referência à Cruz Vermelha, como entidade que atuou na vinda do grupo para o Brasil e a Companhia Territorial Sul Brasil, com escritório na vila Passarinhos¹⁴, local onde a empresa colonizadora recebia os colonos e providenciava os documentos e a distribuição dos lotes agrícolas. A vinda dos teuto-russos para o local, não é resultado de uma escolha do grupo, mas do empreendimento promovido pelas companhias colonizadoras, com apoio do governo do estado de Santa Catarina.

As novas terras e os novos vizinhos

A área rural reservada para os teuto-russos católicos era localizada na margem direita do Rio Chapecó, e foi chamada Aguinhas. O local apresenta relevo montanhoso e acidentado. Na década de 1930, quando as famílias teuto-russas se instalaram, era coberta por densa vegetação, que pode ser observada a seguir, na Figura 5.

14 Em 1929, Carlos Culmey, diretor da Companhia Territorial Sul Brasil, transferiu a sede da empresa para a vila Passarinhos que deu origem ao atual município de Palmitos-SC. (WERLANG, 2006)



Figura 5: Propriedade da família Zeiser em Aguinhas. Doação de Martin Zeiser Filho. Acervo CEOM.

Na fotografia, a família exibe o gado bovino em frente à moradia. Percebe-se ao fundo, o morro coberto por densa vegetação. O estranhamento dos imigrantes teuto-russos em relação à vegetação encontrada é um elemento presente nas memórias dos entrevistados, pois estavam acostumados à paisagem da Sibéria, caracterizada por planícies elevadas como descreve o Sr Martin Zeiser Filho: “a Sibéria não é baixa, ela é alta... mais por causa da planície... se vê o sol nascer aí... em baixo, no chão... e a lua, quando vem, não tem obstáculo. (...) É tudo plano”. Além disso, as técnicas de cultivo da terra eram outras, com outras ferramentas e equipamentos: “o que eles estranharam mais foi que lá [na Sibéria] era tudo plano e [o trabalho] era todo com arado e a cavalo. E ali [em Aguinhas] tem que pegar foice e machado para derrubar o mato. Isso estranharam muito” (Rosa Schlee).

Com clima muito diferente, as famílias teuto-russas desconheciam os ciclos agrícolas nas novas terras:

Porque aqui, quando aqui era inverno, lá era verão, (...) e quando lá era inverno, era verão aqui. E tiveram que se ambientar com esse tempo. Descobrir quando era bom pra época de plantar as coisas. Mas, foram aprendendo. Foram enfrentando. E as safras deram sempre muito bem, porque era tudo terra nova. Tudo que plantava dava bem (Ida Kasper).

Apesar das grandes dificuldades enfrentadas pelos imigrantes, a criação das colônias possibilitou o sustento e a segurança das famílias.

As dificuldades eram grandes, porque tudo era estranho. Que tinha que fazer? Derrubar mato que não conhecia, depois, quando tava seco, botar fogo. E daí aquela taquara que estourava, e como nós éramos crianças e ainda muito assustados por causa da guerra, nós tínhamos medo, achávamos que isso era banditismo, que estavam soltando tiros (Ida Kasper).

O depoimento da Sra Ida Kasper demonstra como as lembranças das experiências vividas na Europa ainda estavam presentes no cotidiano das crianças. Experiência do medo e do empobrecimento diante da condição de refugiado do autoritarismo soviético: “um dia o pai também comprou uma novilha [vaca jovem]. E quando ela deu cria [pariu], pra nós crianças, era uma alegria quando nasceu [o bezerrinho] (...) Nossa que festa! Era uma festa, a gente não tinha mais isto há meses, anos” (Ida Kasper). Conforme Werlang (2006), “durante os primeiros 90 dias, o consulado alemão ajudou com alimentação, principalmente farinha de milho, feijão e arroz” (WERLANG, 2006, p.111) o que demonstra, por um lado, a preocupação da Alemanha com o grupo de imigrantes, e por outro, a carência das famílias.

Nem todas as famílias que chegaram ao local, aceitaram o desafio de se adaptar a uma paisagem tão diferente: “o primeiro grupo significativo que abandonou as terras da Cia. Sul Brasil foi para o Uruguai no ano seguinte à sua chegada à região. Construíram uma embarcação com 26 metros de comprimentos e desceram o rio Uruguai junto com as balsas” (idem, p.113). Conforme o Sr Valentim Mumber: “eles fizeram uma balsa e uma casinha em cima e foram, acho que três a quatro famílias. E foram junto com a água”.

Diante do estranhamento do meio ambiente encontrado e da necessidade urgente de se adaptar e obter o sustento para a família, os conhecimentos dos luso-brasileiros, também conhecidos como caboclos, que moravam em meio à mata foram de valiosa contribuição para aqueles imigrantes, como relata a Sra Franziska Malsan: “aqui tinha os brasileiros que ensinaram. A gente diz os caboclos, porque, eles tinham pra roçar e tudo, então eles já explicavam 'precisa plantar nessa época o feijão, nessa época o milho”.

O fato de falar línguas diferentes não impediu a comunicação, que chegou a ser feita através de gestos e demonstrações, como revela a Sra Rosa Schlee: “quando nós chegamos aqui, tinha caboclo morando. Nós não nos entendemos, mas ele mostrava, ensinava como e quando era pra plantar. Era assim, a mãe falava em alemão, mas ele falava em brasileiro (risos). Mas mostraram e se entenderam”.

Os caboclos também ensinaram sobre a utilização das ferramentas de trabalho, diferentes das utilizadas na Sibéria: “porque usar uma foice, um machado, não é só pegar no cabo, tem que saber manobrá-la, pra não se judiar. Tudo isso nós aprendemos com eles” (Mathias Blanck).

Os depoimentos indicam que a comunicação entre eles se deu basicamente nos momentos em que os “brasileiros” eram empregados pelos imigrantes para tarefas como a abertura de roçados: “tinha gente que contratávamos pra roçar mato. Caboclos que vinham e se ofereciam pra fazer. Claro, tinha que pagar. Mas nós não deixávamos dormir de noite, de tanta curiosidade, de perguntar 'o que é isso?' 'como é que chama aquilo?’” (Martin Zeiser Filho).

A curiosidade revelada na fala do Sr Martin Zeiser Filho refere-se a lembranças de sua infância, em que era um menino curioso por saber as novidades do local onde a família se instalou. Seu depoimento indica que além dos ensinamentos acerca do trabalho agrícola, os caboclos também contribuíram para o aprendizado da língua portuguesa.

Ainda sobre a abertura dos roçados, um dos momentos iniciais do contato entre os teuto-russos e os caboclos, o depoimento da Sra Franziska Malsan revela uma prática adotada pelos imigrantes na época, de pagar serviços com roupas que traziam da Europa:

(...) Tinha os brasileiros, uns caboclos mesmo, eles eram pobres que fizeram os acampamentos e roçaram pros alemães. Derrubaram o mato, porque eles [alemães] não sabiam derrubar. E eles fizeram por troco de roupa. Aqueles que vinham, da Alemanha, eles tinham bastante roupa, então eles trocaram roupa por serviço (Franziska Malsan).

Segundo Werlang (2006), “A falta de dinheiro obrigava as famílias a trocarem roupas de inverno, que haviam recebido quando da passagem pela Alemanha, por alimentos e outros produtos” (p.114), fato também relatado pela Sra Ida Kasper:

Na Alemanha eles ganharam muita roupa. Caixas e caixas de roupa. Então com essas roupas, eles foram pro interior, no mato, nas colônias, trocaram por... porque dinheiro não tinha, aí eles trocaram por roupa, pra conseguir um cavalo, pra conseguir um porquinho, pra conseguir umas galinhas (Ida Kasper).

O convívio dos teuto-russos com grupos étnicos diferentes já ocorria na Sibéria, pois vários relatos descrevem encontros com povos que habitavam a região, como os Quirquizes. Em Aguinhas, os caboclos também auxiliavam em casos de problemas de

saúde, pois tinham conhecimentos sobre ervas medicinais e tratamentos caseiros, além de acreditar nas práticas de benzimentos.

Minha irmã ficava doente e tinha um caboclo no lado, daí o pai e a mãe foram chamar outra mulher que sabia benzer coisa né, daí este caboclo marido e a mulher estavam lá, eles ficaram lá, não saíram até que o pai e a mãe voltaram de novo né, daí minha irmã (...) já levantaram fizeram um chá, deram um chá pra ela tomar e tudo, não dava pra se queixar dessa gente e fazer o que? (Mathias Blanck).

Os tratamentos caseiros, até então desconhecidos dos teuto-russos, foram muito comuns durante o período de colonização da região, época em que havia reduzido número de médicos para atender áreas isoladas. Em São Carlos morava um médico que atendia as localidades da redondeza. Seus serviços eram procurados geralmente em casos de maior gravidade, sendo que os tratamentos caseiros e os farmacêuticos resolviam os problemas mais corriqueiros e as parteiras auxiliavam as mulheres grávidas durante o trabalho de parto e recuperação.

Se na relação entre os teuto-russos e os luso-brasileiros, ou caboclos, os depoimentos demonstram atitudes de colaboração, a relação com os teuto-brasileiros, ou seja, os descendentes de alemães vindos das colônias do rio Grande do Sul, há indícios de que, em alguns momentos, as diferenças tiveram importância maior do que as semelhanças.

Durante o processo de colonização de São Carlos, a Linha Aguiinhas foi estigmatizada em razão da presença dos teuto-russos, como afirma o Sr Mathias Blanck: “primeiro, quando veio gente do Rio Grande, não vinha morar em Aguiinhas, na Rússia. 'Na Rússia são gente muito perigosa!' Não queriam, não queriam entrar lá, porque russo são gente muito perigosa” (Mathias Blanck).

Apesar da origem alemã, da maioria dos colonizadores, conforme o depoimento do Sr Mathias Blanck, havia o estigma de que a Linha Aguiinhas era povoada por russos, que eram muito perigosos. Percebe-se que a procedência russa dos moradores de Aguiinhas constituiu-se como um diferencial que segregou o grupo durante o início da colonização. Cabe aqui lembrar que a colonização da região foi realizada por meio da instalação de núcleos populacionais separados por etnia e religião. Algumas vezes, no mesmo município havia localidades, também chamadas “linhas” onde predominavam uma etnia ou outra. Em São Carlos, a Linha Aguiinhas foi a localidade onde os teuto-russos eram a maioria. Contudo, apesar da segregação inicial, verifica-se que houve

convívio entre os teuto-russos e teuto-brasileiros, como demonstra a adoção de hábitos alimentares e culturais típicos do Rio Grande do Sul, como o churrasco, o chimarrão, música e danças, além de casamentos entre os descendentes dos dois grupos.

Outro momento em ressaltou diferenças entre os teuto-russos e os teuto-brasileiros foi entre os anos de 1942 e 1945, quando as medidas nacionalistas do governo de Getúlio Vargas impuseram restrições aos alemães, italianos, japoneses residentes no Brasil, como a proibição do uso da língua e de realizar reuniões¹⁵. Nesta época, os imigrantes e descendentes de alemães que moravam em Santa Catarina tiveram problemas com as autoridades. Nos depoimentos, os transtornos mais corriqueiros estavam relacionados à proibição da língua alemã, pois muitos moradores de São Carlos não falavam português:

O Brasil entrou na guerra contra a Alemanha, daí proibiram falar em alemão e falar em italiano (...). Tinha que ir comprar uma coisa e não podia falar e não podia pedir. (...) em Aguinhas nenhum foi preso, nenhum foi pra cadeia, nem nada, agora em Navegantes¹⁶ ali, ali quase todo mundo foi. Só eram todos nascidos ali, e falavam menos brasileiro do que nossa gente [os teuto-russos], que nossa gente lá, os jovens já, todo mundo sabia falar já, e eles não, não sei como (Mathias Blanck).

Segundo o Sr Martin Zeiser Filho, os descendentes de alemães, sem saber falar português, evitavam falar em público, o que os tornava um grupo ainda mais fechado. Já o grupo teuto-russo, chegou a se beneficiar do registro de nascimento na Rússia e do desconhecimento das autoridades brasileiras acerca das línguas européias:

15 O Doutor Francisco Gottardi, Secretário dos Negócios de Segurança Pública, de ordem superior, faz público que:

- 1º Os estrangeiros naturais dos países com os quais o Brasil rompeu relações diplomáticas e comerciais, isto é, o Japão, a Alemanha e a Itália, devem comunicar a sua residência às autoridades policiais, no prazo de quinze dias, a contar desta data;
- 2º Ficam proibidos, a contar desta data, os hinos, cantos e saudações que lhes sejam peculiares, bem como o uso dos idiomas dos países acima apontados;
- 3º É vedado aos súditos dos países mencionados:
 - a) mudar de residência sem comunicação prévia ao Serviço de Registro de Estrangeiros, na Capital, e às Delegacias de Polícia, no interior do Estado;
 - b) reunir-se, ainda que em casas particulares, a título de comemorações de caráter privado (aniversários, bailes, banquetes etc.);
 - c) viajar de uma para outra localidade sem licença da Polícia (Salvo-Conduto).

4º A Delegacia de Ordem Política e Social faça cumprir o presente edital.

Secretaria de Segurança Pública, aos 28 de janeiro de 1942 - Florianópolis. (Publicado no Diário Oficial do Estado). (LIMA, 2002)

16 Linha Navegantes, São Carlos-SC. Neste caso, o Sr Mathias Blanck toma como referência uma nomenclatura atual, pois a localidade em questão recebeu o nome de Linha Navegantes em 1964. (KERBES, 2004, p.84)

Eu fiquei sabendo, que eu era aliado, por russo, e o aliado tinha a boca aberta, ele podia falar o que quisesse. Então, numa noite de baile em Palmitos, eu perguntei para o cunhado do delegado: “escuta, porque que vocês não me prenderam ontem de noite?” Aí ele disse: “mas tu é russo!”. (Martín Zeiser Filho)

Conforme o depoimento do Sr Mathias Blanck, os colonos descendentes de alemães que vieram do Rio Grande do Sul resistiam contra as autoridades locais, e faziam provocações que as vezes resultavam em violência¹⁷. Já os teuto-russos, tiveram atitude diferente, procurando se adaptar às regras do Brasil: “o pai dizia 'não, nós estamos no Brasil e temos que respeitar, o brasileiro tem o direito e nós estamos no país deles né. Nós viemos e agora tem esta lei. O governo proibiu, nós temos que respeitar isto agora’” (Mathias Blanck). O depoimento demonstra o reconhecimento de autoridade ao Estado brasileiro, ao qual eles, enquanto imigrantes, consideravam correto se adaptar.

Considerações finais

Ao encerrar este texto, pode-se tecer algumas considerações. O trabalho apresentado é resultado de uma pesquisa de extensão universitária, vinculado a um projeto de dimensão nacional. São amplas as possibilidades de estudos a partir do material produzido na pesquisa, que encontra-se disponível no Centro de Memória do Oeste de Santa Catarina – CEOM/Unochapecó. As entrevistas realizadas fazem alusão a um grupo minoritário na região, mas percebe-se que a partir delas é possível debater acerca de diversos temas, pois os relatos são amplos e complexos.

Ao analisar a trajetória dos teuto-russos descrita a partir das suas memórias, fica explícito o teor trágico dos acontecimentos que os motivaram a vir para Aguinhas. Estas memórias teriam interferido na forma como este grupo procedeu diante da necessidade de estabelecer moradia nas novas terras. Além disso, em alguns momentos, os parentes e conhecidos que permaneceram na URSS enviaram cartas onde descreviam as situações desoladoras a que foram submetidos, como descreve a Sra Ida Kasper, contando sobre a carta que recebeu de um tio que não havia conseguido fugir:

17 Apesar de não esclarecer quais eram as atitudes dos moradores da Linha Navegantes, o Sr Mathias Blanck narra uma discussão que teve acerca da relação dos moradores com as autoridades locais: “porque que eles batem sempre em vocês? Porque vocês fazem de propósito pra incomodar eles, aí vocês apanham”.

Eles tiveram que trabalhar, mas tudo em conjunto. Tiveram que plantar tudo em conjunto, colher tudo em conjunto. As crianças ficavam separadas, as mulheres estavam separadas, os homens também, com os que não estavam na guerra. (...) Poucos dos nossos sobreviveram, aos poucos morreram se sede, de fome de frio (Ida Kasper).

Relatos como estes, somados aos que descreviam o sofrimento das famílias teuto-russas durante o governo stalinista, formavam uma memória traumática, que condenava o comunismo soviético e ao mesmo tempo, poderia ter servido para valorizar a comunidade constituída em Aguinhas, como uma “salvação”, não só dos horrores do “comunismo” e da Segunda Guerra Mundial, mas também da malária, que ocasionou a morte de vários membros do grupo durante a estada na Bahia.

Nos relatos sobre a chegada em Aguinhas, percebe-se que procuraram criar laços de colaboração e amizade com outros grupos étnicos, além de, anos depois, demonstrarem reconhecer a autoridade ao Estado brasileiro e respeitar suas leis. Levando em consideração os depoimentos que sugerem atitudes diferentes por parte dos descendentes de alemães que colonizaram a mesma região, pergunta-se se não teriam sido as memórias da trajetória dos teuto-russos, um elemento decisivo para definir sua postura diante do outro. Neste sentido, apesar dos depoimentos não apresentarem detalhes mais precisos, até mesmo em razão de não ser, na ocasião das entrevistas, o foco da pesquisa, há certas indicações que, se não respondem inteiramente aos questionamentos que despertam, convidam para investigar.

Fontes Oraís:

BLANCK, Matias. Entrevista concedida aos pesquisadores André Luiz Onghero, Mirian Carbonera e Volnei Mumber, no dia 04/12/2008, em São Carlos/SC.

KASPER, Ida Eiseler. Entrevista aos pesquisadores André Luiz Onghero e Mirian Carbonera no dia 12/12/2008, em Saudades/SC.

MALSAN, Franziska; MALSAN, Helena. Entrevista concedida aos pesquisadores André Luiz Onghero, Mirian Carbonera e Volnei Mumber, no dia 04/12/2008, em São Carlos/SC.

MUMBER, Valentim. Entrevista concedida aos pesquisadores André Luiz Onghero, Mirian Carbonera, e Lucas Antonio Franceschi, no dia 28/11/2008, em Aguinhas, São Carlos/SC.

SCHLEE, Rosa; MUMBER, Valentim. Entrevista concedida aos pesquisadores André Luiz Onghero, Mirian Carbonera, e Lucas Antonio Franceschi, no dia 28/11/2008, em Aguinhas, São Carlos/SC.

ZEISER FILHO, Martin; ZEISER, Herna Klauck. Entrevista concedida aos pesquisadores André Luiz Onghero e Mirian Carbonera no dia 12/12/2008, em Saudades/SC.

Referências Bibliográficas:

CENTRO DE MEMÓRIA DO OESTE DE SANTA CATARINA. Das estepes Siberianas às matas do Oeste Catarinense. *Revista Memória e Etnicidade*. Santa Maria: Núcleo de Estudos do Patrimônio e Memória – UFSM, 2009.

CENTRO DE INFORMÁTICA E AUTOMAÇÃO DO ESTADO DE SANTA CATARINA. *Mapa interativo*. Disponível em <www.mapainterativo.ciasc.gov.br> Acesso em: 08 de mar. 2010.

GISI, Clemens. *Eu fugi da Sibéria*. Chapecó, SC. Ed. Amigos do autor, 1985.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Cidades: São Carlos – SC*. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>> Acesso em 09 Mar. 2010.

_____. *Mapas interativos*. Disponível em: <<http://mapas.ibge.gov.br/>> Acesso em 09 Mar. 2010.

KERBES, Zenaide I. S. *Conhecendo São Carlos*. São Carlos: Gráfica Editora Porto Novo, 2004.

LIMA, Jeferson. *Campo de concentração*. Santa Catarina: ANcapital, 2002. Disponível em <<http://www1.an.com.br/ancapital/2002/jun/30/1ult.htm>> Acesso em 10 Mar. 2010.

PIAZZA, Walter F. *A colonização de Santa Catarina*. 3 ed. Florianópolis: Lunardelli.1994

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO CARLOS. *Dados Gerais*. Disponível em: <<http://www.saocarlos.sc.gov.br/conteudo/?item=21808&fa=11190>> Acesso em 09 Mar. 2010.

WERLANG, Alceu A. *A colonização as margens do Rio Uruguai no extremo Oeste Catarinense: atuação da CIA Territorial Sul Brasil 1925 à 1954*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: UFSC, 1992.

_____. *Disputas e ocupação do espaço no oeste catarinense: a atuação da Companhia Territorial Sul Brasil*. Chapecó: Argos, 2006.

WERLE, Marcelo. *Repensando histórias da colonização da vila de São Carlos: a política de colonização e a política de ocupação – 1926 a 1939*. Monografia. Chapecó: UNOESC/PUC-SP, 1994.